

REPRESENTAÇÕES DE FEMININO NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Tatiana da Silva Bulhões

“(…)I Crê, ardentemente, em Deus; ama, sinceramente, a tua Pátria, e serve conscientemente, a tua Família. (...)
VI Na paz ou nas horas de lucta, sê sempre, e acima de tudo, MULHER, e, como tal, útil, necessária, respeitosa, caritativa, inteligente, simples, honesta e abnegada.(...)
XI Faze de tua consciência um espelho límpido, deante do qual nunca tenhas de corar de vergonha de ti mesma. (...)
XV Não fumes, não bebas álcool, não jogues nem te desnudes nas praias, lembrando-te de que uma integralista tem de estar muito acima dessas tristes ilusões de elegância. (...)”¹.

Nesta apresentação serão expostas algumas considerações acerca do meu trabalho junto ao Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, em fase inicial, orientado pela professora Laura Antunes Maciel e financiado pela CAPES.

Analizamos neste trabalho especificamente as representações de feminino contidas no discurso imagético integralista, presente em um conjunto de fotografias apreendidas nos Núcleos e Jornais da A.I.B., no Rio de Janeiro, pela Delegacia Especial de Segurança Política e Social (D.E.S.P.S.), após a colocação do movimento na ilegalidade em 1938². Atualmente esta coleção fotográfica é mantida pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e se encontra digitalizada e disponível para a pesquisa. Considerando que tanto o objeto fotografado quanto a sua imagem são expressões de relações sociais e significados culturais que precisam ser levados em conta na análise da imagem, os objetivos da pesquisa são desvendar os motivos que levaram a AIB a produzir e divulgar fotografias, bem como mapear os modos pelos quais representaram os sujeitos e conteúdos fotografados³.

Além disso, cabe rastrear os usos e significados possíveis dessas imagens evidenciando como foram incorporadas ao amplo “leque” de instrumentos de propaganda utilizados pela A.I.B. para divulgar sua doutrina e manter a coesão dos militantes⁴. Consideramos ainda que as fotografias fazem parte de um processo, denominado por Pollak, de “enquadramento de memória”⁵, no qual uma determinada imagem do movimento e de seus militantes é escolhida e enquadrada para ser a “verdadeira” a ser perpetuada e que procura construir no presente (mantém e manterá) a coesão do grupo projetando essa imagem também para o futuro.

A Ação Integralista Brasileira entre 1933 e 1937, auge deste movimento de caráter fascista, construiu em seu discurso textual e imagético padrões de feminino e masculino em consonância com sua filosofia e visão de mundo, intimamente ligadas aos argumentos dos

discursos médicos eugênicos e de inspiração cristã desta época. Sendo assim foram delimitadas pela intelectualidade, dirigente ou não, do movimento representações⁶ dos gêneros, consolidando não somente as diferenças mas também hierarquias entre eles. Tais representações se tornam instrumentos de poder integralista, como aponta Bourdieu em seu estudo sobre representações, estas fazem ver e fazem crer, dão a conhecer e fazem reconhecer, assim como impõem as definições legítimas das divisões do mundo, neste caso aos integralistas⁷.

Ressaltamos que estas representações não são “criações” separadas da sociedade e do tempo histórico em que foram elaboradas visto pois é preciso mais que uma certa sintonia entre aquilo que está sendo mostrado e o público que receberá a mensagem, já que não se pode entender as representações como imposições simplesmente, pois elas são muito mais o resultado das relações sociais em determinado momento histórico, onde existem muitas hierarquias, mas onde também são possíveis negociações e improvisações⁸. A crítica elaborada por mulheres intelectuais, feministas ou não, contra o casamento e a desigualdade de direitos entre os gêneros, nas décadas 1920 e 1930, por exemplo, marcou e mesmo transformou o discurso conservador destas décadas⁹.

Conscientes de que o discurso integralista construiu representações do gênero feminino, de fundo biológico, cristão e antifeminista, intimamente ligadas à sociedade da sua época – por este motivo não são dados “naturais”-, e que estas estão imersas em relações de poder e de hierarquia, evidenciamos a nossa opção pelo conceito de gênero tal como proposto por Joan Scott, ao pensá-lo como categoria útil de análise histórica e uma forma de indicar as construções sociais dos papéis femininos e masculinos¹⁰.

Na década de 30, a propaganda política, como fenômeno da sociedade e da cultura de massas, era fator integrante da cultura política brasileira e internacional da época e adquiriu enorme importância, quando ocorreu, em âmbito mundial, um avanço considerável dos meios de comunicação¹¹. O Integralismo também se insere nesta cultura política da década de 30 pois elaborou e utilizou largamente artifícios propagandistas¹². A leitura, até o presente momento, de documentos enviados pela Secretaria Nacional de Propaganda da AIB às Secretarias de Propaganda da Província da Guanabara indicam o estímulo dado ao uso de fotografias para fins de propaganda do movimento¹³. As fotografias circulavam em periódicos integralistas (produzidos pelo grande consórcio jornalístico chamado *Sigma-Jornais Reunidos*) nacionalmente e periódicos não integralistas que fossem simpáticos à causa integralista¹⁴. Além disso, A propaganda era reforçada pelo caráter de “foto-descrição” do fotojornalismo, no Brasil e no mundo, dessa época¹⁵, que se propunha à descrição da realidade como ela era.¹⁶

Porém, para não tomar as fotografias apenas como ilustrações de práticas de propaganda ideológica é preciso buscar como o movimento integralista elaborou e divulgou, por meio da fotografia, suas concepções de feminino, ancorada em valores, concepções, critérios estéticos, etc. Por isso, não será apenas o conteúdo iconográfico que deverá ser analisado e interpretado mas, também, o lugar de onde o integralismo produz esses registros “pois é este lugar na sociedade que vai dar condições de existência ao objeto fotográfico”¹⁷.

Acreditamos que a fotografia integralista se apresenta como uma memória da militância integralista e de sua identidade em relação a um Brasil em franca redefinição política e social, na década de 1930. Não é por acaso que na maior parte do conjunto fotográfico analisado são retratados militantes integralistas e estas fotos elaboram uma auto imagem do movimento, monumentalizando seu dia-a-dia. Como afirma Mauad, a fotografia pode apresentar o aspecto de monumento da realidade – algo que traduz valores, idéias, tradições e comportamentos contribuintes da formação de uma identidade coletiva e de uma memória a ser perenizada para o futuro¹⁸.

As referências teóricas e metodológicas que orientam a pesquisa e análise imagética deste trabalho estão intimamente ligadas ao campo de uma história social onde a fotografia é pensada como prática social e expressão de relações sociais e significados culturais. A imagem não existe apenas em função do desenvolvimento técnico ou da possibilidade colocada pelo equipamento, separada das questões sociais (quem fotografa? Por que fotografa? Para que? Quais as intenções/objetivos?) e do tempo histórico em que foi produzida. Embora tenhamos o intuito de analisar o conteúdo do *corpus* fotográfico (objetos, pessoas, gestos, locais, entre outros) e as técnicas fotográficas usadas na produção fotográfica, pretendemos ir além desta esfera, indagando os usos e escolhas dos produtores das fotos, as formas como foram divulgadas (periódicos, exposições, folhetos, etc), o modo que elas apareciam no material de divulgação, onde e como elas estavam organizadas antes da apreensão pela D.E.S.P.S. e como o A.P.E.R.J. reorganizou o acervo fotográfico integralista¹⁹. Além disso, cabe comparar as representações de feminino nas fotografias integralistas com outras fotos da sua época. O método de análise do conteúdo e das técnicas fotográficas neste trabalho se baseia no método histórico-semiótico, criado pela professora Ana Maria Mauad da Universidade Federal Fluminense.²⁰ A seguir, o aplicaremos, de forma simplificada, a fim de expor algumas impressões sobre o conteúdo das fotos, estando esta análise sujeita a revisões ao longo do processo de pesquisa.

Embora não identificados a identidade do fotógrafo, ou dos fotógrafos, e o equipamento fotográfico utilizado, podemos supor que se usou uma máquina leve e com alto nível de

definição da imagem em variadas condições luminosas, devido à presença de fotografias com a movimentação dos seus atores e em alguns momentos fora do espaço privado. Identificamos alguns aspectos da forma de expressão das fotos: O tipo de foto que predomina é a fotografia posada, mostrando a intencionalidade do fotógrafo, e de quem encomendou a foto, de retratar pessoas, objetos e lugares de seu controle e escolha; o enquadramento predominante da mulher no *corpus* fotográfico é: sentido horizontal, direção central e o objeto central é a figuração coletiva. A mensagem transmitida por essas escolhas espaciais enfatiza significados de aglutinação, de coletividade, de união e confluência de interesses entre homens e mulheres, que estão estreitamente relacionados com o caráter totalitário da A.I.B.²¹.

No plano de conteúdo do conjunto das fotos, verificamos que o espaço geográfico predominante é o urbano, o Rio de Janeiro, onde se tomavam as grandes decisões do movimento. As mulheres estavam presentes nestes momentos, participando ativamente como colaboradoras do movimento. Embora elas não estivessem no espaço privado, contrariando o discurso de alguns integralistas mais conservadores, notamos um deslocamento do espaço privado de controle do feminino, do lar para o núcleo integralista (na maioria do conjunto fotográfico elas aparecem em núcleos ou espaços integralistas fechados e observada pelos integralistas homens). No espaço do objeto predominam objetos do cotidiano integralista: uniformes, símbolos integralistas como o *Sigma* e a bandeira integralista, a foto de Plínio Salgado e outros símbolos ligados a ideologia integralista como a bandeira nacional e uma miniatura do cristo crucificado. A presença destes objetos nos aponta a representação homogênea e única das militantes, não há indícios de individualismo, somente existe a militante integralista. Meninas levando bicicletas em um desfile nos mostram a presença da Educação Física na A.I.B., segundo Endrika Geraldo o movimento a utilizava como instrumento de militarização, promovendo disciplina e hierarquia²². Analisando o espaço da figuração, vemos que a mulher, na maioria das fotos vem acompanhada da presença masculina e infantil. Estas representações nos indicam as associações feitas pelo integralismo com a figura feminina: exercendo seu papel “natural” de maternidade, sendo “colaboradora” e dependente do homem²³. Vemos também que a postura e os gestos da integralista (das adultas e das crianças) indicam a sua militarização corporal e psicológica. E, finalmente, no espaço da vivência observamos novamente a limitação da liberdade, tanto política quanto cotidiana, da militante, que aparece em funções preconizadas pelo movimento (assistência social, educação infantil) - distintas das funções masculinas -, em eventos integralistas, com militantes masculinos de seu núcleo, e votando no plebiscito organizado pela A.I.B. para a escolha do seu representante nas eleições presidenciais.

Concluindo esta exposição, esclarecemos que não é nosso objetivo vitimizar a mulher integralista ou localizar a fonte da dominação num ponto fixo, o outro masculino, em nosso trabalho, mas sim analisar e problematizar o discurso imagético produzido pela Ação Integralista Brasileira que delimita a sua conduta, alvo da propaganda do movimento, e naturaliza relações e diferenças entre os gêneros. Discurso este, que determina a conduta ideal pela presença de representações pautadas na ideologia integralista e censura a conduta chamada pelos militantes de “vergonhosa” pela ausência de representações pautadas na liberdade feminina.

¹ Estas quatro regras de conduta para a mulher integralista fazem parte de um conjunto de treze normas reunidas sob o título “Breviário da mulher integralista”, produzido pela dirigente integralista Iveta Ribeiro e publicado no jornal **A Offensiva**, Rio de Janeiro, 05/01/1937.

² Selecionamos por volta de 82 fotografias sobre esta temática dentre um conjunto de 360 fotografias existentes no acervo de fotos integralistas, já digitalizado, do APERJ, denominado Série Documentos Fotográficos do Integralismo. Nosso critério chave foi a presença feminina no espaço fotográfico.

³ FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Editora Vega, s/d. e MACIEL, Laura Antunes. **A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”**. São Paulo: EDUSC, 1998.

⁴ Outros exemplos de instrumentos de propaganda utilizados pelo Integralismo são o rádio, os livros produzidos pelos seus ideólogos, revistas ilustradas, panfletos e jornais, tanto regionais quanto nacionais. Ver: CAVALARI, Rosa Maria Feitero. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil**. São Paulo: EDUSC, 1999, p.125.

⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.7.

⁶ O conceito de representação também é compreendido nesta análise à luz da psicologia social e da semiótica, como sendo, em linhas gerais, “a percepção de um objeto como signo do mesmo, como algo que existe para significar ou designar o objeto” e conforme afirma o psicólogo Pascal Moliner “correspondem a um conjunto de crenças, opiniões, comportamentos referentes a esse objeto. Ela é constitutiva da realidade desse objeto, da subjetividade de quem o vincula e do sistema social no qual se inscreve a relação sujeito-objeto”. Ver: JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**, Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996, pág.33 e MOLINER, Pascal. **Images et représentations sociales – De la théorie des représentations à la étude des images sociales**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1996, p.16. *Apud* SILVA, Helenice Rodrigues da. A história como “representação do passado”: a nova historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir. **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000, p.86.

⁷ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.137.

⁸ Ver: CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, 11 (5). São Paulo, 1991, p.182.

⁹ SILVA, Cleusa Gomes. **Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)**. Dissertação de mestrado, Campinas: Unicamp, 2001, pp.117 e 118.

¹⁰ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica** (tradução de Christine R. Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife, SOS Corpo, 1991, pp.1-3.

¹¹ CAPELLATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998, p.34.

¹² Ver: BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. In: **História e Perspectivas**, Uberlândia, (7): 87-110, jul/dez 1992.

¹³ Tais documentos se encontram na Série Integralismo, organizados pelo Arquivo Público do Rio de Janeiro.

¹⁴ Alguns documentos produzidos pela Secretaria Nacional de Imprensa do movimento, também encontrados no Arquivo Público do Rio de Janeiro, indicam o contato entre integralistas e Jornais não integralistas brasileiros.

¹⁵ SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000, p.83.

¹⁶ A Revista ilustrada *Cruzeiro*, lançada em novembro de 1928, no Rio de Janeiro, por exemplo, advogava para si “o direito quase missionário de ser o espelho fiel da vida”. Ver: MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX.** Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1990, p.9.

¹⁷ GRANGEIRO, Cândido Domingues. **As artes de um negócio: a febre photographica.** São Paulo: 1862-1886. Campinas/São Paulo, Mercado de Letras/Fapesp, 2000, p. 21

¹⁸ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História, interfaces. In: **Tempo, Revista do Departamento de História da UFF**, RJ, Ano 1, n.º 2, p.85, 1996, p.85

¹⁹ Tais preocupações com análise da fotografia são similares às de Marta E. J. Barbosa em seu trabalho sobre as fotos da seca no Ceará, no final do século XIX. BARBOSA, Marta E. Jacinto. **Os famintos do Ceará.** In: MACIEL, Laura A., *et al.* (orgs.) **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'Água, 2004.

²⁰ O eixo da análise é a codificação da noção de espaço. A fotografia, da mesma forma que outros sistemas de signos, abriga em si uma forma de expressão e uma forma de conteúdo. No plano de expressão, analisamos o *espaço fotográfico*, categoria que compreende um estudo das escolhas do fotógrafo, a sua forma de expressão fotográfica. Estão incluídos aí os itens: sentido (horizontal e vertical), direção (esquerda, direita e centro) da foto e objeto central, além de uma reflexão sobre o ofício o fotógrafo na década de 30 no Brasil. No plano de conteúdo, analisamos os seguintes espaços: *espaço geográfico*, que compreende o espaço físico representado na foto e sua relação com as “camisas verdes”; *o espaço da vivência*, que abrange as atividades, vivências e eventos femininos que se tornaram objeto do ato fotográfico; *o espaço da figuração*, que compreende as pessoas retratadas, a relação entre os gêneros e as hierarquias presentes; e finalmente, o espaço do objeto, que abrange a lógica existente na representação dos objetos e sua relação com a experiência vivida pelas integralistas. Estes planos serão analisados separadamente, mas são entendidos como inter-relacionados. Ver: MAUAD, *op. cit.* pp. 93-96.

²¹ Ver: ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. **Totalitarismo e Revolução. O Integralismo de Plínio Salgado.** RJ, Zahar, 1988.

²² GERALDO, Endrika. **A raça e a nação: a família como alvo dos projetos integralistas de nação brasileira nas décadas de 20 e 30.** Dissertação de mestrado. Unicamp, 2001, p.98.

²³ Como afirmamos anteriormente, a conduta feminina no discurso integralista é delimitada utilizando argumentos dos discursos médicos eugênicos.